

### 3º ano HMS – REVISÃO PROVA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considereirei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcancei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o

diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paraplético de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(*S. Bernardo*, 1996.)

1. O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza.” (7º parágrafo)
- “Naturalmente deixei de dormir em rede.” (4º parágrafo)
- “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus.” (6º parágrafo)
- “E os negócios desdobraram-se automaticamente.” (7º parágrafo)
- “Julgo que não preciso descrevê-la.” (4º parágrafo)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

#### Sonetilho do falso Fernando Pessoa

Onde nasci, morri.  
Onde morri, existo.  
E das peles que visto  
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti  
posso durar. Desisto  
de tudo quanto é misto  
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,  
à deusa que se ri  
deste nosso oaristo\*,

eis-me a dizer: assisto  
além, nenhum, aqui,  
mas não sou eu, nem isto.

Carlos Drummond de Andrade. *Claro Enigma*.

\*conversa íntima entre casais.

## Ulisses

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo -  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

Fernando Pessoa. *Mensagem*.

2. O oxímoro é uma “figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão” (HOUAISS, 2001).

No poema “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, o emprego dessa figura de linguagem ocorre em:

- a) “Onde morri, existo” (v. 2).
- b) “E das peles que visto / muitas há que não vi” (v. 3-4).
- c) “Desisto / de tudo quanto é misto / e que odiei ou senti” (v. 6-8).
- d) “à deusa que se ri / deste nosso oaristo” (v. 10-11).
- e) “mas não sou eu, nem isto” (v. 14).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O elefante

Fabrico um elefante  
de meus poucos recursos.  
Um tanto de madeira  
tirado a velhos móveis  
talvez lhe dê apoio.  
E o encho de algodão,  
de paina, de doçura.  
A cola vai fixar  
suas orelhas pensas.  
A tromba se enovela,  
é a parte mais feliz  
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,  
dessa matéria pura

que não sei figurar.  
Tão alva essa riqueza  
a espojar-se nos circos  
sem perda ou corrupção.  
E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante  
pronto para sair  
à procura de amigos  
num mundo enfastiado  
que já não crê em bichos  
e duvida das coisas.  
Ei-lo, massa imponente  
e frágil, que se abana  
e move lentamente  
a pele costurada  
onde há flores de pano  
e nuvens, alusões  
a um mundo mais poético  
onde o amor reagrupa  
as formas naturais.

Vai o meu elefante  
pela rua povoada,  
mas não o querem ver  
nem mesmo para rir  
da cauda que ameaça  
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora  
as pernas não ajudem  
e seu ventre balofo  
se arrisque a desabar  
ao mais leve empurrão.  
Mostra com elegância  
sua mínima vida,  
e não há cidade  
alma que se disponha  
a recolher em si  
desse corpo sensível  
a fugitiva imagem,  
o passo desastrado  
mas faminto e tocante.  
Mas faminto de seres  
e situações patéticas,  
de encontros ao luar  
no mais profundo oceano,  
sob a raiz das árvores  
ou no seio das conchas,  
de luzes que não cegam  
e brilham através  
dos troncos mais espessos.  
Esse passo que vai  
sem esmagar as plantas  
no campo de batalha,  
à procura de sítios,

segredos, episódios  
não contados em livro,  
de que apenas o vento,  
as folhas, a formiga  
reconhecem o talhe,  
mas que os homens ignoram,  
pois só ousam mostrar-se  
sob a paz das cortinas  
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite  
volta meu elefante,  
mas volta fatigado,  
as patas vacilantes  
se desmancham no pó.  
Ele não encontrou  
o de que carecia,  
o de que carecemos,  
eu e meu elefante,  
em que amo disfarçar-me.  
Exausto de pesquisa,  
caiu-lhe o vasto engenho  
como simples papel.  
A cola se dissolve  
e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,  
qual mito desmontado.  
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. O. 9ª ed.  
- São Paulo: Editora Record, 1983.

3. Considere os versos 95 a 98 do poema, transcritos abaixo:

“e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos

costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebatando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos <sup>2</sup>racontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de <sup>3</sup>irrisão.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidence era uma

falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(*Contos de aprendiz*, 2012.)

<sup>1</sup>lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup>raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup>irrisão: zombaria.

4. “Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) finalidade.
- b) causa.
- c) proporção.
- d) comparação.
- e) consequência.

5. “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- a) fantasioso.
- b) dramático.
- c) religioso.
- d) incerto.
- e) popular.

6. Em “Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma” (3º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) de ligação.
- b) transitivo direto e indireto.
- c) transitivo direto.
- d) intransitivo.
- e) transitivo indireto.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o poema “Sou um evadido”, do escritor português Fernando Pessoa, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Sou um evadido.  
Logo que nasci  
Fecharam-me em mim,  
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa  
Do mesmo lugar,  
Do mesmo ser  
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me  
Mas eu <sup>1</sup>ando a monte,  
Oxalá que ela  
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,  
Ser eu é não ser.  
Viverei fugindo  
Mas vivo a valer.

(*Obra poética*, 1997.)

<sup>1</sup>“andar a monte”: andar fugido das autoridades.

7. O eu lírico expressa um desejo em:

- a) “Ser eu é não ser.” (4ª estrofe)
- b) “Ah, mas eu fugi.” (1ª estrofe)
- c) “Logo que nasci / Fecharam-me em mim,” (1ª estrofe)
- d) “Minha alma procura-me / Mas eu ando a monte,” (3ª estrofe)
- e) “Oxalá que ela / Nunca me encontre.” (3ª estrofe)

8. Decorre da evasão empreendida pelo eu lírico

- a) sua cisão interna.
- b) seu desprezo pelo mundo.
- c) seu desejo de morrer.
- d) sua ausência de esperança.
- e) seu isolamento social.

9. O eu lírico inclui o leitor em sua argumentação

- a) na terceira estrofe, apenas.
- b) na primeira estrofe, apenas.
- c) na quarta estrofe, apenas.
- d) na segunda estrofe, apenas.
- e) na segunda e na terceira estrofes.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos  
edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
preferiram (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p. 110-111.

10. Entre as características da obra de Carlos Drummond de Andrade, a que está presente nesse poema é a

- a) valorização do cotidiano e das raízes culturais brasileiras
- b) nostalgia da vida provinciana relacionada à terra natal
- c) denúncia constante da monotonia observada no dia a dia
- d) esperança na sobrevivência do sentimento amoroso
- e) manifestação de cansaço diante dos problemas da vida

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

### Carta do escritor Graciliano Ramos ao pintor Cândido Portinari

Rio – 18 – Fevereiro – 1946

<sup>1</sup>Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que <sup>2</sup>esta resposta já não <sup>3</sup>o ache <sup>4</sup>fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. <sup>5</sup>Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; <sup>6</sup>contudo as deformações e

miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto <sup>7</sup>a mim mesmo, com angústia, Portinari, é <sup>8</sup>isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças? Dos quadros que você mostrou <sup>9</sup>quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que faríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a <sup>10</sup>nossa velha amiga, nada a suprimirá. E <sup>11</sup>seríamos ingratos se <sup>12</sup>desejássemos a supressão dela, não <sup>13</sup>lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, <sup>14</sup>pois sem isto não temos arte.

E adeus,<sup>15</sup> meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano

sensaboria: contratempo, monotonia

11. Depreende-se corretamente do texto que o escritor Graciliano Ramos:

- a) compreende a miséria humana e os sofrimentos como motivadores da produção artística, que não pode ser apenas ornamental.
- b) entende que a função da pintura é oferecer as soluções práticas para o erradicação da miséria humana.
- c) se refere a pinturas que ele mesmo produziu sobre as diferenças sociais que afetam o povo brasileiro.
- d) se dirige ao pintor Portinari com o claro objetivo de propor a formação de uma política que exclua os ricos da sociedade.
- e) escreve ao pintor Portinari para tentar amenizar o remorso que sente por explorar a miséria humana.

12. Observe as seguintes afirmações:

- I. *Contudo* (referência 6) denota sentido de acréscimo, de adição.
- II. *Quando* (referência 9) denota sentido de temporalidade.
- III. *Pois* (referência 14) denota sentido de explicação.

Assinale a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e III.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

13. Observe as afirmações:

- I. A carta apresentada para leitura pertence a um gênero do discurso do domínio discursivo interpessoal, por isso prevê, em sua própria elaboração, uma interlocução entre emissor e destinatário, com papéis bem definidos.
- II. A carta apresentada para leitura é classificada como um discurso aberto, dirigido não a um leitor-interlocutor específico, mas a um conjunto de leitores virtuais com o objetivo de expressar opiniões e denunciar ações negativas.
- III. Na carta apresentada para leitura, pode ser assinalada, entre outras, a presença das funções emotiva (na manifestação de sentimentos do emissor), conativa (no endereçamento das mensagens ao destinatário) e referencial (no tratamento de assuntos específicos).

Assinale a alternativa correta.

- a) Estão corretas as afirmações I e II.
- b) Estão corretas as afirmações I e III.
- c) Estão corretas as afirmações II e III.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Fragmento do poema do poeta mineiro Murilo Mendes (1901-1975).

### O pastor pianista

Soltaram os pianos na planície deserta  
 Onde as sombras dos pássaros vêm beber.  
 Eu sou o pastor pianista,  
 Vejo ao longe com alegria meus pianos  
 Recortarem os vultos monumentais  
 Contra a lua.

**Murilo Mendes**

14. Seria possível compararmos o fragmento do poema "O pastor pianista" com:

- a) a poesia parnasiana de Olavo Bilac e de Alberto Oliveira, pela presença da temática da arte pela arte.
- b) os cenários sertanejos e a representação do conflito entre indivíduo e natureza, como presentes em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- c) o indianismo e as metáforas de mestiçagem, como encontrados no romance *Iracema*, de José de Alencar.
- d) o poema-piada e a desconstrução com efeito de humor da temática do amor, característicos da obra de Oswald de Andrade.

e) o jogo poético entre os planos físico e onírico, como recorrente na obra de Jorge de Lima.

15. (Enem) Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado

- a) pela alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- b) utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.
- c) indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- d) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- e) recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.